

***PUTIRI E BANHOS DE RIO, UM PASSEIO PELAS NARRATIVAS DE SALOMÃO LARÊDO – BREVES CONSIDERAÇÕES***

Nellihany dos Santos Soares<sup>1</sup>  
Erica Cristina Rodrigues Nascimento Lima<sup>2</sup>  
Flavia Roberta Menezes De Souza<sup>3</sup>

**RESUMO**

O presente estudo tem como objetivo apresentar as principais características das obras *Putiri* (2022) e *Banhos de Rio* (2023), do escritor paraense Salomão Larêdo, a fim de conduzir o leitor pelos meandros da narrativa larediana. Inseridas num contexto que pertence à literatura produzida na Amazônia paraense, mais especificamente a região do Baixo Tocantins e Belém, as referidas narrativas falam do povo da Amazônia, de sua cultura, de seu modo de viver e de se expressar, povoadas de um forte imaginário. Nosso interesse está voltado para a forma utilizada pelo autor de criar seu texto literário, misturando gêneros textuais e modos de narrar, a não obrigatoriedade da linearidade, a criação de centenas de personagens que, em sua grande maioria, são mulheres. De imediato, essa estrutura diferente de narrar pode causar estranhamento, mas também pode ser um gostoso desafio para quem gosta de sair da rotina e desvendar novos caminhos do texto literário. Personagens, estrutura narrativa, linguagem popular, polifonia, expressões advindas de outros idiomas, transgressão feminina, denúncia social e intertextualidades são algumas das características que serão apresentadas e discutidas ao longo do trabalho, que pretende contribuir para a crítica do autor e convidar os leitores à imersão na mitopoética de Salomão Larêdo. Esse trabalho de pesquisa ainda se encontra em andamento, portanto, os resultados serão apresentados na medida em que a leitura da obra e análise dos pontos principais vão sendo investigados. O trabalho contempla uma abordagem de cunho bibliográfico.

**Palavras-chave:** Literatura da Amazônia. Putiri. Banhos de Rio. Elementos literários.

***PUTIRI AND BANHOS DE RIO, A TOUR THROUGH SALOMÃO LAREDO'S NARRATIVES – BRIEF CONSIDERATIONS***

**ABSTRACT**

The present study aims to present the main characteristics of the works *Putiri* (2022) and *Banhos de Rio* (2023), by the Pará writer Salomão Larêdo, to guide the reader through the intricacies of the Laredian narrative. Inserted in a context that belongs to the literature produced in the Amazon of Pará, more specifically the region of Baixo Tocantins and Belém, these narratives speak of the people of the Amazon, their culture, their way of living and expressing themselves, filled with a strong imaginary. Our interest is focused on the way the author uses to create his literary text, mixing textual genres and ways of narrating, the non-obligation of linearity, the creation of hundreds of characters, the vast majority of whom are women. Immediately, this different structure of narration can be strange, but it can also be a pleasant challenge for those who like to break out of their routine and discover new paths in the literary text. Characters, narrative structure, popular language, polyphony, expressions from other languages, female transgression, social denunciation and intertextualities are some of the characteristics that will be presented and discussed throughout the work, which aims to contribute to the author's criticism and invite readers to immersion in the mythopoetic of Salomão Larêdo. This research work is

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras PPGL, da Universidade Federal do Pará. Mestra em Letras. Professora do Instituto Federal do Pará – campus Belém. E-mail: nellihany@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Unioeste. Mestra em Estudos da Linguagem pela UFF. Professora do Instituto Federal do Pará – campus Castanhal. E-mail: erica\_lima@id.uff.br

<sup>3</sup> Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Letras PPGL, da Universidade Federal do Pará. Professora do Instituto Federal do Pará – campus Belém. E-mail: flaviamezenezes19@hotmail.com

still in progress; therefore, the results will be presented as the work is read and the main points are analyzed. The work includes a bibliographical approach.

**Keywords:** Amazonian Literature. Putiri. Banhos de Rio. Literary elements.

**Data de submissão:** 15.05.2024

**Data de aprovação:** 24.10.2024

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo apresentar as principais características das obras *Putiri* (2022) e *Banhos de Rio* (2023), do escritor paraense Salomão Larêdo, a fim de conduzir o leitor pelos meandros da narrativa larediana. As referidas obras fazem parte da literatura brasileira de expressão amazônica e se passam na região do Baixo Tocantins e Belém, portanto, se faz necessário apresentá-las ao leitor para que este tome conhecimento das obras literárias escritas por autores da Amazônia que, ao longo dos tempos, enfrentam grandes desafios para publicá-las. Explorar a temática em questão é importante não somente para conhecer as obras literárias, como também para que se conheça um pouco mais sobre o povo da Amazônia, seu modo de ser e de viver, sua cultura, sua linguagem e todo o imaginário que atravessa sua gente. O que podemos esperar da literatura da Amazônia e quais elementos literários ela explora? Quais elementos Salomão Larêdo traz para suas narrativas? São indagações que pretendemos responder ao longo deste estudo, ainda em andamento.

Do ponto de vista de sua caracterização metodológica, quanto aos procedimentos, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fazendo uso de teorias que norteiam a temática abordada e de bibliografia de fontes diversas. Para uma melhor apresentação do texto, apresentamos de forma breve o autor; em seguida, pontuamos a fortuna crítica de algumas obras; posteriormente, identificamos características importantes de cada um dos livros, tecendo breves considerações sobre os mesmos, e, por fim, apresentamos nossas considerações finais sobre o trabalho.

## 1 PARA LER SALOMÃO LARÊDO

Existem autores para quem as narrativas nascem de um processo de inspiração; há outros que criam porque um trabalho foi “encomendado”; há ainda aqueles que publicam para se manterem vivos na memória dos leitores ou simplesmente para contabilizar números e depois sair gritando aos quatro cantos do mundo que já publicou mais do que podia, enfim... Mas existem aqueles que, em número muito reduzido, escrevem porque “histórias” perpassam por toda a sua vida, desde que se entendem por gente, ainda na infância, num tempo que era comum andar descalço, tomar banho de rio e ouvir histórias que os mais velhos contavam a todo instante como forma de ver o tempo passar... E crescem escutando histórias sobre tudo, sobre todos, pois sempre há algo novo a registrar.

Salomão Larêdo é esse escritor. Paraense nascido em Vila do Carmo, município de Cametá, no Pará, no ano de 1949, antes mesmo de se tornar escritor, já escrevia a própria vida ouvindo as histórias do lugar onde nasceu. Primeiramente da família (mãe, pai, avó), depois de parentes, de vizinhos, de amigas da mãe... e sempre foi menino curioso, perguntava sobre tudo, e ao contrário das crianças de sua época, nunca lhe foi negado uma resposta. Conviveu com todo tipo de gente, em especial, com mulheres. Aliás, foi com a mãe e com a avó que logo cedo aprendeu noções sobre compartilhar, respeito e socialismo.

Menino que olhava o encher e o vazar das águas do rio Tocantins, compreendeu que nela existem mais mistérios do que possa imaginar nossa vã filosofia. O homem que vive na Amazônia aprende sobre o poder das águas desde sempre, sua importância para a sobrevivência,

para o comércio, e para o imaginário local, pois é da água que nascem boa parte dos mitos e lendas que fazem parte do nosso imaginário.

Histórias permeadas pela água, por mulheres, por mitos, pela cultura paraense, pela linguagem popular, por testemunhos reais...é isso e muito mais que Salomão Larêdo tem publicado em mais de 40 obras ao longo de sua extensa carreira literária. Optamos por não apresentar o autor de maneira formal, como geralmente acontece, pois entendemos que um escritor da dimensão de Larêdo merece algo a mais, algo que realmente reflita o trabalho literário que desempenha com tanta paixão. Paixão esta que o fez estar entre o único escritor paraense a integrar o *Dictionary of Literary Biography Style Manual*<sup>4</sup> e ser o homenageado da 26<sup>a</sup> Feira Pan-Amazônica do livro em 2023.

## 2 MOSAICOS DA FORTUNA CRÍTICA DO AUTOR

Salomão Larêdo é leitor, pesquisador e escritor em constante labor literário. Desde seus primeiros livros *Senhora das Águas* (1982) e *Sibele Mendes de amor e Luta* (1984), o autor trabalha sem parar em prol da leitura e da literatura. Vemos Larêdo como um ourives da palavra, um caçador de histórias em constante dedicação e cheio de esperança nos livros e na literatura produzida no Pará.

Cada livro publicado é um sonho transformado em realidade pelas mãos e pela imaginação do escritor que, à medida que enfrenta obstáculos que invisibilizam a leitura de autores do Norte, também colhe frutos dos leitores que já foram arrebatados pelo mundo amazônico de Salomão Larêdo. São alguns desses frutos que apresentaremos nos próximos parágrafos.

Em *Pedral – Canal do Inferno* (2021), a semiótica e crítica de arte Rita Pacheco Limberti, tece o seguinte comentário:

Pedral. O título em si já evoca a dura vida de pedra que conhecemos ao adentrar o romance. Mais que um acidente topográfico do rio, o Pedral, no Lago Vermelho, é a figura e a cor perfeitas dos sofrimentos humanos que todos tememos (navegantes) no percurso deste grande rio (a vida). O Pedral é a forma de vida dessa gente desconhecida pelos outros Brasis, mas tão familiar em sua marginalidade identitária [...] Em breves capítulos, “capituletes”, a leitura é estimulada pela fluidez fluvial desses pequenos afluentes desse grande romance-rio. Uma dinamicidade caudalosa traga-nos os olhos cada vez mais ávidos pelas sequências de fatos e acontecimentos, os quais se esgueiram entre obstáculos pétreos, para fazer fluir as sinas dos personagens, entre os quais, um ou outro acaba submergindo em algum rebojo [...] Nessa medida, a narrativa labiríntica de Larêdo ressoa denúncia, na crueza com que o real é escancarado. A linguagem forte – anunciada na quarta página –, não recomendada para menores de 18 anos, tampouco é recomendada para aqueles pudicos que se detêm na superfície dos palavrões e das cenas obscenas, sem aprofundar suas reflexões para a condição (des)humana a que cada um daqueles miseráveis estão submetidos, na rasteirice reptiliana animal sobre a pedra da moral. Os pobres rastejam porque nada têm, os ricos rastejam porque nada têm, uns outros, que cumprem os desmandos dos ricos sobre os pobres, rastejam porque nada têm (LIMBERTI, 2021, p.01).

Ainda sobre *Pedral – o Canal do Inferno*, o professor e escritor Paulo Nunes reforça:

Pedral... caracteriza-se por uma linguagem peculiar. Se eu pudesse aqui resumir minha impressão, diria que ele é um romance que se faz de e pelo “apuro de linguagens”,

<sup>4</sup> Publicação da escritora norte-americana Brucoly Clark Layman Book, que contrata professores de diversas universidades do mundo para escrever sobre escritores proeminentes de todos os tempos. A edição que contempla Salomão Larêdo trata de uma seleção de escritores brasileiros ainda vivos do século XXI.

experimental exercício advindo de um experiente escritor que fez das redações dos jornais sua maior escola; Pedral... traz enunciação inquieta, sempre em busca de novos caminhos, em conformidade com a prosa hoje produzida no Brasil. Desde Senhora das Águas (1981), é bom que se diga, Salomão Larêdo permite-se experimentar, e tem dado certo, visto o volume de leitores de sua obra, leitores que só fazem multiplicar-se [...] O texto de Larêdo, acredito eu, bebe em duas fontes fertilizantes: a história e o jornalismo, no que o livro ajuda a desvelar a Amazônia profunda, que está para além das referências turísticas e superficiais. O autor diegético não deixa de avisar sobre o uso de diversidade de gêneros de escrita no texto que ele vai narrar. Pedral... integra um projeto político e poético que visa a ensinar, até mesmo para os cidadãos belemenses desinformados, sobre a realidade que está mais distante das vivências da capital. A minha leitura do Pedral, canal do Inferno me remeteu a uma máxima de Eugene Horn, citado por Eidorfe Moreira: a Amazônia não é terra de farturas e excessos; ela é na verdade, um espaço de contradições e misérias contrastantes. É exatamente o que sinto com esta narrativa engendrada pela diegese salomianiana. Muita miséria e pouca saúde, os males da Amazônia são? [...]Se quisermos perceber a aplicação de alguns princípios bakhtinianos, o da polifonia, por exemplo, no texto do autor cametaense, podemos tranquilamente fazê-lo. Pedral é um dos textos mais “tagarelas” que se escreveu por aqui ultimamente. O Pedral, canal do Inferno, é efetivamente uma sinfonia de vozes num coro polifônico, político (NUNES, 2021, p.01).

Rita de Cássia da Silva, professora e poeta, elegeu a mitologia *Matintresh – o mito da Matinta Perera – Antígona – ExAmazônica* (2003), para ressaltar a importância da figura feminina na obra de Salomão Larêdo:

A figura feminina (poder e iniciativa), hora ou outra, atua em um contexto de sensualidade e sexualidade, constituindo um aspecto literário que o próprio autor denomina de Pedagogia do Prazer, ou Estética da Sedução. Aliás, sensualidade e sexualidade constituem uma das camadas do estilo robusto da literatura desse autor [...] com um núcleo de mulheres fortes, entre elas: Antígona, Ísis e Medeia. Nesse livro Ísis é amiga de Medeia, feiticeira e funcionária do Banco da Amazônia, e comadre de Jocasta. Essa última, com mestrado e doutorado cursados na Europa, retorna a Belém para tornar-se pajé, além de cumprir seu fado de Matinta. Assim sendo, o autor relaciona de igual pra igual os mitos da Literatura Clássica com os mitos da Amazônia, bem como utiliza a envergadura de arquétipos femininos clássicos, considerados profeministas, relacionando-os com a força e o protagonismo da mulher amazônica (SILVA, 2023,p.01).

Aproveitando-se de uma das narrativas polêmicas e transgressoras do autor, o professor Fernando Simplício dos Santos, elegeu o romance *Olho de Boto* (2016) para tecer suas considerações:

[...] Por sua vez, a obra de Larêdo pode ser considerada polêmica sobretudo por causa de sua recriação crítico-anacrônica da História – esse é um fator singular do projeto romanesco do autor paraense. Através de sua estrutura transgressora, a trama não contesta apenas a ditadura ou o preconceito, porém também arquiteta seu universo ficcional, de modo a colocar a Amazônia no palco do mundo, isto é, percorrendo da escala regional à global. Esses detalhes em tela são traduzidos pela preocupação de Larêdo em reavivar e em transfigurar questões históricas para além do contexto de publicação de seu livro. *Olho de boto* revaloriza tradições populares e (re) contextualiza inúmeros discursos em vigor nas décadas de 60,70, e 80, juntando-se crítica, sarcasmo e ironia a uma consciente divertida elaboração da forma romance (SANTOS, 2020, p. 01).

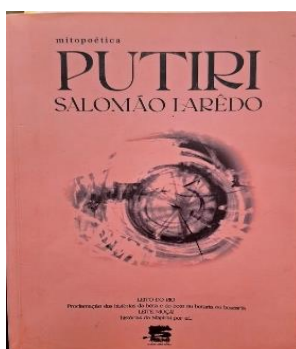
Um de seus mais recentes lançamentos é *Banhos de Rio – irresistível atração das águas* (2023), cujo prefácio da obra contou com um texto do professor e filósofo, Ernani Chaves:

O rio, os rios aparecem nessa narrativa rompendo as fronteiras geográficas e assim o Maguari, o Caiena, o Sena, e o Tâmisia podem se misturar, barrentos ou não, encharcados de floresta ou não, atravessados pelas mesmas dores e pelas mesmas esperanças ou não. Com Salomão Larêdo, partilho a infância ribeirinha e a relação tão intensa com as águas, com o rio. O rio, nosso “infamiliar”, ou seja, o que não é apenas o mais próximo, o mais íntimo, mas também o que mais tememos. Atração e fascínio, mas também medo e horror. Lugar das brincadeiras, das explorações do mundo subaquático, do aprendizado tão importante do nadar, mas também fonte permanente de perigo e, no limite, de morte [...]Por isso, o rio pode aparecer na narrativa de Salomão Larêdo como esse lugar privilegiado, no qual ficção e história podem se reunir. Não uma história qualquer, mas a história de nossos lugares, história de expropriação e violência, de colonização e aprisionamento (CHAVES apud LARÊDO, 2023, p.6-7).

### 3 PUTIRI – PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS BÔTAS! UM PASSEIO PELA NARRATIVA

A narrativa de Salomão Larêdo é contemporânea mas, entre outras coisas, é inovadora, diferenciada. Diria até que o texto de *Putiri – Leito do Rio* (2022)<sup>5</sup>, publicação mais recente do autor, subverte o modo de narrar histórias com o qual estamos acostumados. O livro é uma descrição de relatos do povo paraense, isto é, histórias nascidas do imaginário coletivo que acredita fielmente na figura lendária do boto ou da bôta<sup>6</sup>, que há muito tempo desperta e continua despertando a curiosidade do caboco e da caboca<sup>7</sup> da Amazônia.

**Figura1** – Capa de Putiri



**Fonte:** Salomão Larêdo, 2021

A imagem da capa<sup>8</sup> do livro também é um elemento que deve ser lido, já que é possível fazer interpretações sobre a mesma. Denominada de “Âmago” pela artista que a criou, seu sentido literal é “a parte interna de alguma coisa ou pessoa; a parte essencial de alguma coisa; a parte mais profunda ou íntima de alguém” (DÍCIO, 2023). Frequentemente, este termo é utilizado dentro de um contexto onde uma pessoa esteja a confidenciar ou a revelar algo muito pessoal de sua vida, onde seja possível mostrar sua verdadeira essência ou sua alma. Sendo assim, relacionando o contexto de *Putiri* com a simbologia da capa, podemos inferir que:

a primeira [...] sentido literal, o leito do rio. Rio onde corre suas águas as quais dão a vida aos peixes e alimentos às pessoas. Onde há a transição da terra firme para um

<sup>5</sup> Segundo o autor, significa “pútrido em relação à qualidade das águas, que têm cheiro de raiz de mandioca em fermentação[...]” (LARÊDO, 2022).

<sup>6</sup> De acordo com Salomão Larêdo “por licença poética e para destacar no texto, vamos acentuar e manter a grafia homônima em todo este trabalho” (LARÊDO, 2022, p. 15).

<sup>7</sup> Usamos a forma escrita tal qual o escritor a utiliza na obra.

<sup>8</sup> Da artista Cíntia Ramos, denominada por ela de “Âmago”, em acrílica s/tela .

ambiente em que se não souber flutuar, nadar, perde-se para o fundo; segundo, esse leito do rio é onde o boto transforma-se e enamora sua escolhida. É o local de prazer amoroso, mundiação, e cama que dá palco às inúmeras histórias do boto e da bôta, que pode selar para o fundo, para a Cidade Encantada, nas águas, sua escolhida ou seu escolhido. Ou ainda, a transição entre o consciente e o inconsciente, a contemplação na beira do rio de toda a vida e sutileza das encantarias, teorias ou simplesmente, o nada. É o imaginário do homem amazônida (MATOS; GONÇALVES, 2023, p.45).

Considerando as deduções acima, acrescentaríamos o fato de que o leito do rio atrelado ao conjunto de narrativas sobre botos e bôtas em *Putiri*, também nos leva a um ponto crucial: a morte. Ou seja, o leito do rio, que é sinônimo de vida, também pode ser leito de morte.

*Putiri* não é necessariamente um romance literário, visto que esta não é a intenção do autor. É uma coletânea de narrativas, ora narrada pelo próprio autor, ora narrada pelos entrevistados a quem ele dá a voz<sup>9</sup>. Mas sim, é ficção, e das boas. Quanto aos personagens, são muitos...infintos. E por se tratar de uma história de boto e de bôtas, é claro que esses seres desempenham o papel de protagonistas da mitopoética larediana.

Muitos autores da Amazônia já se empreitaram a escrever sobre os mistérios do boto: José Veríssimo, Dalcídio Jurandir, Benedicto Monteiro, Lindanor Celina, Eneida de Moraes, entre tantos outros... mas afinal, o que é o boto? Ou melhor, como é o boto? A maioria das pessoas tem uma ideia original sobre essa figura, e costumam defini-lo como:

O boto é um mamífero cetáceo [...] Corresponde, nas águas doces, ao golfinho ou delfim do mar. Das três espécies conhecidas, três pertencem à bacia Amazônica [...] O boto-vermelho é o Don Juan das águas, sedutor de moças donzelas e mulheres casadas. Sendo seres encantados, podem se transformar, em um momento de epifania humana, em belos rapazes vestidos de branco e grandes sedutores. Nessa nova e eventual condição, o único sinal identificador que guardam é um buraco no meio da cabeça. Por onde respiram com certo ruído [...] O boto é um encantado da metamorfose por excelência, expansão de uma espécie de êxtase dionisíaco, que deixa as mulheres fora de si mesmas, fazendo-as esquecer todas as normas para seguir somente o impulso ardoso desse ser de puro gozo, de amor sem ontem nem amanhã (LOUREIRO, 2015, p.212-213).

A figura máscula e sedutora do boto é encontrada na obra de Salomão Larêdo, tal qual sua versão original:

Sedutor, encantador e encantado de mulheres casadas. Sedutor encantador de homens, de lésbicas, de trans, pans. Usa traje alinhado, todo vestido de branco, na moda, o rapaz, a moça quase não fala, não se pronuncia sobre nada, faz amor delicada e gostosamente e quem passa por seu olhar fica enfeitiçado e se torna, se transforma, com quem está, homem, mulher, outro ser conforme se queira, em tudo é ser humano que tem no meio da cabeça, furo por onde esguicha líquido branco perfumado, embriagador pegajoso capaz de deixar o outro completamente bêbado de amor (LARÊDO, 2022, p. 19).

Porém, o boto não será predominante porque em *Putiri* o autor dá lugar e voz para as bôtas, que passam a ser protagonistas da narrativa, o que normalmente é comum nas obras de Salomão Larêdo, para quem a figura feminina sempre ganha destaque. Essa presença feminina também é uma forma de atualizar a narrativa original, afinal, os tempos são outros, e a voz feminina resiste na literatura de Larêdo.

<sup>9</sup> A polifonia de vozes é uma característica das narrativas do autor; existem multivozes que falam no texto.

As bôtas<sup>10</sup> são o grande destaque da narrativa – e elas são de todos os tipos: Samuela, bôta negra; Ligrana, a bôta influencer; Isomary, bôta seringueira; Martina, bôta apresentadora de tv; Misônia, a bôta que odiava a Covid-19; MBôta, craque em informática, fazedora de bicos, operadora de Uber; IFood... Sobre essas mulheres bôtas traçamos um breve comentário.

As narrativas orais sempre nos contaram a história do boto como o homem desconhecido, de beleza incomum, vestido de branco e com chapéu na cabeça, que surge das profundezas do rio para encantar as mulheres... Essa é a história que nos foi contada, geração após geração. Entretanto, no livro de Larêdo o homem-boto não é o único que seduz e encanta, repetindo a antiga e original narrativa machista do homem ativo que seduz sua presa. A narrativa é transgressora porque a mulher-bôta também será protagonista, ela vai seduzir e encantar a todos. A bôta deixa de ser a mulher coitada, que se deixou enfeitiçar e até engravidar por um desconhecido:

Mistério da bôta, que aparece no porto ou na praia como pessoa, ou melhor, mulher sedutora, bonita, sensual e sexual e conquista quem desejar. Depois, some, ninguém sabe e nem vê ela, no fundo, concede enorme prazer sexual ao parceiro ou parceira que horas depois reaparece ou retorna ao porto ou na praia, cercado de flores que exalam perfume delicioso! (LARÊDO, 2022, p.25).

Na mitopoética do autor tem bôtas para todos os gostos e, adianto que elas não se resumem a um único perfil ou padrão, como geralmente acontece com o boto. São donas de si, peculiares, independentes. Imagina uma bôta professora de uma universidade federal?! Em *Putiri*, tem! Ou uma bôta famosa nas mídias sociais cujo esporte predileto era fazer amor?! Em *Putiri*, tem também!

Ao nosso ver, um outro elemento que sempre é destaque nas obras de Salomão Larêdo é a linguagem popular, sempre atualizada: em *Putiri*, a presença de um vocabulário que chamarei de “hi-tech” convive lado a lado com o vocabulário do cotidiano. Não é raro encontrar ao longo da narrativa palavras advindas especialmente do inglês, como por exemplo: *drive-in*, *IFood*, *body*, *air-bags*, *blogs*, *story*, *playlist*, etc. Vejamos o trecho a seguir:

Sou bôta negra, ando por canais digitais, fiz treinamento, curso e estágio, conheço a internet das coisas[...] operadora de *Uber*, *I Food* [...] Atendo também no instagram, linqedim, isnob, tuíter[...] Chame MBôta ou megabôta, Negra ou simplesmente Plasma, que é meu nome de batismo e a chave do meu Pix! (LARÊDO, 2022, p.39).

Botarias à parte, o autor aproveita as narrativas das bôtas para chamar atenção para um grave problema social: a violência sexual contra meninas-mulheres no interior do Pará. Com a desculpa de tentar salvar as meninas adoecidas ou mundiadas pelo pobre do boto, “autoridades” se aproveitam da inocência das mesmas e cometem crimes que acabam impunes. É a literatura de *Putiri* levando informação real ao leitor.

No mais, parafraseando um de nossos poetas preferidos, Manuel Bandeira, afirmamos que em *Putiri* “tem tudo, é outra civilização”, uma *Pasárgada* em plena Amazônia.

#### 4 BANHOS DE RIO: UM DELEITE AO LEITOR

*Banhos de Rio: irresistível atraçãodas águas*, novo romance<sup>11</sup> ficcional de Larêdo lançado em 13 de junho de 2023. Nele, assim como em *Putiri*, a narrativa é contemporânea, inovadora, diferenciada, nada convencional. E isso nos faz refletir sobre seu modo muito particular de narrar: nos atrevemos a comparar a estrutura narrativa de Larêdo com

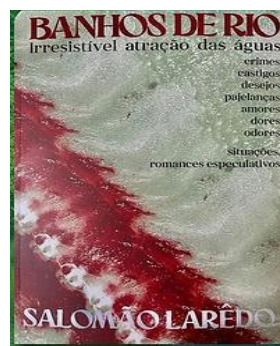
<sup>10</sup> De acordo com a cultura popular, é feito um preparo da genitália da bota (assim como o do boto) que tem o poder de atrair e seduzir o outro, ou ainda de trazer de volta a pessoa amada, de prendê-la.

<sup>11</sup> De acordo com o autor, o texto é do gênero romance-retrato ou aerotexto ou aeroretrátil ou o avesso dotexto, da realidade; textoretrato da sociedade.

*Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade. Tenho quase certeza que o autor bebeu em fontes andradianas, pois enquadrar o texto de Salomão Larêdo num único gênero é dificultoso, é quase impossível, porque o autor nos oferece um pouco de cada coisa: o texto de ficção, a narrativa popular, entrevistas, fotografias, textos de outros autores, notícias de jornal, depoimentos... De imediato, essa estrutura diferente de narrar pode causar estranhamento, mas também pode ser um gostoso desafio para quem gosta de sair da rotina e desvendar novos caminhos do texto literário.

De imediato, a capa da obra<sup>12</sup> chama atenção: um tom de verde claro indicando a presença das águas do rio, e sob ele, uma extensa mancha na cor vermelha, sugerindo que na narrativa, além de vida, existe a presença da morte. Nessa “irresistível atração das águas” vamos nos deparar com crimes, castigos, desejos, pajelanças, amores, dores e odores.

**Figura 2** – Capa de *Banhos de Rio*



Fonte: Salomão Larêdo, 2023

É preciso esclarecer que essas reflexões não se restringem apenas as nossas impressões sobre o texto do autor. Antes de tudo, é um convite para quem deseja conhecer *Banhos de Rio: irresistível atração das águas* e por ele navegar, se banhar e deliciar em meio a “pequenos desenhos ou pequenas descrições, no interior dos quais se desdobram as vidas”<sup>13</sup>. De imediato, chama atenção os números na obra: são 410 páginas e centenas de personagens (aproximadamente 700), números significativos para a literatura produzida na Amazônia paraense. Esse fato nos fez lembrar do texto “A volta do romancão”, de Leyla Perrone-Moisés<sup>14</sup>, no qual o termo “romancão” se refere, literalmente, aos romances que têm centenas de páginas. Mas essa é uma outra história; voltemos à obra.

De acordo com Salomão Larêdo, o romance tem uma proposta para o leitor: pode ser lido como um grande quebra-cabeça no qual o texto se apresenta com breves narrativas, com muitas situações e de forma não sequencial. É no virar de cada página, que diferentes criaturas vão surgindo, digo criaturas porque algumas são desse mundo, outras nem tanto. Quanto à ação, o que temos é o “mundo amazônico, é a humanidade paraense e amazônica, a condição humana, dos humanos” (LARÊDO, 2023, p.409).

Os personagens de *Banhos de Rio* têm diversas faces, quero dizer que muitos personagens são o mesmo personagem, como se mudassem apenas de nomes, de corpo, mas que no fundo representam um só ( exemplo de Antígona, que também é CioCio e Floreana); e esses personagens recebem duas classificações: principais ou cosplay; e voadores, figurantes, reservas, colaboradores, cenográficos, de mentira...; os nomes escolhidos para cada um são

<sup>12</sup> Do artista Ridney Costa.

<sup>13</sup> Fragmento retirado do prefácio da obra *Banhos de Rio*, de autoria do professor Ernani Chaves, da Faculdade de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia/Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>14</sup> Esse texto faz parte da obra *Mutações da Literatura no século XXI* (2016).



diferentes, modernos, o que caracteriza uma marca do autor: Maryfree, Kuera, Desçça, Refaza, DinaDu, Ziza Zuíla, Yasmim Tapanã, Carrepeta, Borrifo, Gentios, CioCio, mulheres e homens, mais, muito mais mulheres que homens se banham nas águas desse rio larediano.

Salomão Larêdo faz menção a inúmeros autores para enriquecer e conversar com a narrativa, são citados, por exemplo, Edgar Allan Poe, Dalcídio Jurandir, Raimundo Morais, Alfred Russel Wallace, João Marques de Carvalho, José Veríssimo, Mário de Andrade e até trechos bíblicos. Particularmente, como leitora, adoro tal recurso, pois citar outros autores numa narrativa amplia o horizonte do texto literário, permitindo que o leitor conheça ou reconheça novas ou antigas leituras.

Em meio a narrativa moderna de Salomão Larêdo, a poesia não podia deixar de marcar presença. É o que vemos na seguinte passagem do romance: “Ah, chuva chovendo, chuviscando, cheirando mesmo a chuva chorando intensamente de chuva aromada de afeto, beleza de pampeiro [...] (LARÊDO, 2023, p.23). É a água se apropriando de um espaço todo seu, porque ela também é um personagem em *Banhos de Rio*.

Parafraseando o autor, tu, leitor, não o condenes ao silêncio, a ser invisível, pois não ser lido é o pior que pode acontecer a quem escreve. E ao aceitar tal convite, não esqueças que “Nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio...pois na segunda vez o rio não é mais o mesmo, nem tampouco o homem... (HERÁCLITO DE ÉFESO, 2021 *apud* LARÊDO, 2023, p. 15).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo apresentou de forma simples e objetiva as principais características literárias presentes nas obras *Putiri* e *Banhos de Rio*. Não se trata de uma análise literária, simplesmente, mas de um levantamento de elementos da narrativa que, ao nosso ver, foram usados pelo autor para chamar a atenção do leitor, sempre ansioso por novidades.

O que podemos esperar da literatura da Amazônia e quais elementos literários ela explora? Quais elementos Salomão Larêdo traz para suas narrativas? Essas perguntas iniciais foram respondidas no decorrer do trabalho, a medida em que apresentávamos as obras. E no desejo de encontrar a melhor resposta, acabamos descobrindo que no mundo amazônico do escritor, linguagem, personagens tipo, floresta, rio, cidade, imaginário, mulher, poesia, vida e morte estão todos interligados, pois fazem parte de uma grande teia onde o narrar não tem limites, e nem obedece regras, pois a Literatura vive e sobrevive da imaginação.

O caminho que trilhamos para chegar nas breves considerações de *Putiri* e *Banhos de Rio* nem sempre foi fácil, pois falar de autores do Norte do país (com raríssimas exceções) ainda exige um mergulho profundo em meio a livros, sites, consultas diretas com o autor da obra, visitas a acervos... e isso tem um motivo: nossos autores ainda são desconhecidos e pouco lidos, conseqüentemente, existirá informações reduzidas sobre eles e suas obras.

Assim, diante desse cenário, o papel do pesquisador entra em cena para tentar driblar essas dificuldades e mostrar para o mundo que aqui, na Amazônia, se produz Literatura, e das boas. Somos cientes de que o presente estudo é uma contribuição quem vem somar para a fortuna crítica da obra larediana, por isso, convidamos aqueles que têm interesse pelo conjunto da obra do autor assim como o meio acadêmico, para apreciá-lo. O convite à leitura foi feito. Fiquem à vontade para (re)descobrir o melhor caminho, encontrando novas características que os levem à reflexão, e, sobretudo, que os conduzam ao caminho do prazer literário.

## REFERÊNCIAS

ÂMAGO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/amago/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

GOLÇALVES, Luciane; MATOS, Bruno. O boto em Salomão Larêdo: análise do personagem boto em Chapéu Virado e Putiri. **Trabalho de conclusão de curso** (Licenciatura em Letras). Instituto Federal do Pará. Belém, p .50. 2023.

COSTA, Alexandre. **Heráclito: Fragmentos Contextualizados**. São Paulo: Odysseus, 2021.

LARÊDO, Salomão. **Putiri**: leite do rio: proclamação das histórias da bôta e do boto ou botaria ou boataria; leite, moça! Histórias do Mapiraí por ai... Belém: Salomão Larêdo Editora, 2022.

LARÊDO, Salomão. **Banhos de Rio: irresistível atração das águas**. Belém: Salomão Larêdo Editora, 2023.

LIMBERTI, Rita Pacheco. **Pedral – Canal do inferno**. Disponível em: <https://www.facebook.com/salomao.laredo/> Acesso em: 17 nov. 2023.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**- Uma poética do imaginário. 4ª.ed. Belém: Editora Cultural Brasil, 2015.

NUNES, Paulo. **Pedral do Inferno ou o “Rio Tocantins, o mais bonito do mundo”**. Disponível em: <https://variacoesnovasformas.blogspot.com/2021/10/> Acesso em: 15 nov. 2023.

SANTOS, Fernando Simplício. **Memória, Imaginário e Violência em romances de Milton Hatoum e Salomão Larêdo**. Disponível em: [https://mel.unir.br/uploads/56565656/arquivos/Tr\\_nsitos\\_e\\_fronteras\\_liter\\_rias\\_IMAGIN\\_RIOS\\_1350254703.pdf](https://mel.unir.br/uploads/56565656/arquivos/Tr_nsitos_e_fronteras_liter_rias_IMAGIN_RIOS_1350254703.pdf) Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA, Rita de Cassia. **A cultura e o imaginário amazônico na obra de Salomão Larêdo**. <https://www.facebook.com/salomao.laredo/> Acesso em: 18 dez. 2023.